

CINEMATECA PORTUGUESA-MUSEU DO CINEMA
De se Tirar o Chapéu
22 de Agosto de 2022

MILLER'S CROSSING / 1990 *História de Gangsters*

um filme de Joel Coen

Realização: Joel Coen / **Argumento:** Joel Coen, Ethan Coen / **Fotografia:** Barry Sonnenfeld / **Montagem:** Michael R. Miller / **Música:** Carter Burwell / **Décors:** Dennis Gassner / **Guarda-Roupa:** Richard Hornung / **Interpretação:** Gabriel Byrne (Tom Reagan), Marcia Gay Harden (Verna), John Turturro (Bernie Bernbaum), Jon Polito (Johnny Caspar), J.E. Freeman (Eddie Dane), Albert Finney (Leo), Mike Starr (Frankie), Al Mancini (Tic-Tac), Richard Woods (Mayor Dale Levander), Tom Toner (O'Doole), Steve Buscemi (Mink), Mario Todisco (Clarence "Drop" Johnson), Olek Krupa (Tad), Michael Jeter (Adolph), Lanny Flaherty (Terry), Jeanette Kontomitrás (Mrs. Caspar), Louis Charles Mounicou III (Johnny Caspar, Jr.).

Produção: Twentieth Century Fox, Circle Films / **Produtor:** Ethan Coen / **Co-produtor:** Max Silverman / **Produtor Executivo:** Ben Barenholtz / **Cópia:** em 35mm, cor, legendada em português / **Duração:** 115 minutos / **Primeira apresentação pública:** 21 de Setembro de 1990, New York Film Festival / **Estreia mundial:** 22 de Setembro de 1990, Estados Unidos / **Estreia em Portugal:** 1 de Março de 1991, Condes, Quarteto, Las Vegas, Plaza / **Primeiras exhibições na Cinemateca:** 6 e 29 de Novembro de 2019, "In Memoriam Albert Finney".

Com **Miller's Crossing**, uma das suas primeiras longas-metragens, os irmãos Coen revisitam dois grandes géneros do cinema dos anos trinta e quarenta, os filmes de *gangsters* e o *film noir*. Há algum tempo, ao escrevermos sobre **No Country for Old Men**, filme que realizaram já em 2007, classificávamo-lo como um "western dos tempos modernos", enfatizando como essa obra posterior aflorava e desmontava uma panóplia de géneros, prolongando temas que os irmãos Coen tinham vindo a explorar noutros filmes como **Blood Simple** (1984) e **Miller's Crossing**, como a violência ou uma dimensão metafísica da vida, desenhadas com um negrume acentuado. E é isso mesmo que reencontramos quando revemos hoje **Miller's Crossing**, filme em que os Coen regressam a outros géneros para os adaptar.

O argumento, escrito a quatro mãos pelos irmãos Coen (a realização é apenas creditada como sendo de Joel e a produção de Ethan), recicla elementos clássicos transformando-os numa intrincada e labiríntica trama narrativa – a marca dos Coen, segundo a qual, em **Miller's Crossing**, se sucedem voltas e reviravoltas no argumento que não parecem ter fim –, em que a palavra (a complexidade dos diálogos) tem um papel determinante no desenvolvimento de um filme dominado pela corrupção, pela morte e, acima de tudo, pela traição.

Albert Finney encarna exemplarmente o papel da figura tutelar que controla o mundo do crime organizado de uma “dirty town” inventada e criada para o filme, que se submete aos seus desígnios e aos confrontos entre este grande criminoso de origem irlandesa e o grupo mafioso rival, que se desencadeiam quando Leo (Finney) cede aos encantos de uma manipuladora mulher. É ela, Marcia Gay Harden (Verna), que ditará o destino de um grupo relativamente vasto de protagonistas e de todo o submundo do crime: Finney, mas também Gabriel Byrne (Tom Reagan), John Turturro (Bernie, o seu irmão) e Jon Polito (Caspar).

Na realidade, o argumento dos Coen parte de uma adaptação muito livre de uma novela (não creditada) de Dashiell Hammett, *The Glass Key*, transposta por duas vezes para o cinema, uma nos anos trinta e outra nos anos quarenta. Mas **Miller’s Crossing** é uma revisitação muito estilizada de um género bem demarcado em que a excelente fotografia de Barry Sonnenfeld tem um papel essencial nas declinações luminosas de cenários de cores densas e escuras, que acolhem as várias personagens. A noite é o seu habitat natural, mas alguns dos melhores momentos do filme desenrolam-se em pleno dia, como a sequência do primeiro ajuste de contas com Bernie, em que este acaba por escapar ileso no meio de uma floresta – o plano das árvores face ao céu é recorrente no filme, com todo o seu evidente simbolismo.

Como a personagem de Chigurh de **No Country for Old Men**, Tom, o verdadeiro protagonista de **Miller’s Crossing** está para além do bem e do mal e em crescente sintonia com o ambiente implacável que o rodeia, a que acaba finalmente por se submeter, um mundo devastado pela morte.

– Look at your heart! – diz Bernie a Tom, quando se confronta pela primeira vez com a iminência da sua morte, que o segundo não consegue executar.

E o apelo que funcionou num primeiro confronto, não funcionará no segundo, depois de muitas voltas e reviravoltas do argumento.

– What heart? – responderá finalmente Tom.

É de um mundo já sem qualquer coração que se trata, num momento em que as “regras” e a “honra” que ainda subsistiam num lugar recôndito do submundo do crime também colapsam. Ou, como dirá Caspar no momento em que tudo colapsa definitivamente: “I’m talkin’ about friendship. I’m talking about character, I’m talkin’ about – hell. Leo, I ain’t embarrassed to use the word – I’m talkin’ about ethics.” Uma ética que existiria mesmo no mundo do crime, que separaria *gangsters* transformados em heróis trágicos que matam sem clemência, dos animais. Eis o cinismo e a ironia do cinema dos irmãos Coen.

Joana Ascensão